



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

NAS TEIAS DE CANGUILHEM:
referências e reverências discursivas na construção de uma nova normalidade

Mikaella Costa Baldeija

Rio de Janeiro
2025

MIKAELLA COSTA BALDEIJA

DRE 121152994

NAS TEIAS DE CANGUILHEM:

referências e reverências discursivas na construção de uma nova normalidade

Monografia de Conclusão do Curso de Bacharelado em Letras (Português-Literaturas) submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus.

Rio de Janeiro

2025

CIP - Catalogação na Publicação

B175n Baldeija, Mikaella Costa
Nas teias de Canguilhem: referências e
reverências discursivas na construção de uma nova
normalidade / Mikaella Costa Baldeija. -- Rio de
Janeiro, 2025.
32 f.

Orientador: Henrique Fortuna Cairus.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português -
Literaturas, 2025.

1. Georges Canguilhem. 2. Hipócrates. 3. história
das ciências. 4. representação. I. Cairus, Henrique
Fortuna, orient. II. Título.

BALDEIJA, Mikaella Costa. **Nas teias de Canguilhem**: referências e reverências discursivas na construção de uma nova normalidade. Rio de Janeiro, 2025. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras: Português-Literaturas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Orientador: Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus.

Banca Examinadora:

Prof. Doutor Henrique Fortuna Cairus (presidente, Letras-UFRJ) Grau: 10 (Dez)

Profa. Doutora Tatiana Oliveira Ribeiro (Letras-UFRJ) Grau: 10 (Dez)

Prof. Doutor Lucas Bento Pugliesi (Letras-UFRJ) Grau: 10 (Dez)

Média final: (10) Dez

Presidente da Banca

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2025.

À Annie Chaves (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Henrique Cairus, meu orientador, pela orientação presente e generosa, paciência resoluta e apoio gentil, que me incentivaram não somente a concluir a graduação, como a ir além.

Ao CNPq, que financiou a maior parte dessa pesquisa, e me permitiu dedicação exclusiva a Canguilhem e a Hipócrates.

À minha mãe, Cintia Costa, pelo amor, apoio e incentivo, e por ser a pessoa que mais apoiou os meus estudos desde sempre.

Ao PROAERA, que além de conhecimento acadêmico, me rendeu amigos e referências na vida acadêmica. Ao Alui Silvestri, que começou essa jornada meu colega e terminou meu amigo, vizinho e padrinho. A Ester Gomes, Pedro Camello, Isabel Miranda, Maria Regina Montysuma e Dione Lessa, pela amizade e troca. Aos veteranos Maria Eduarda Ferreira, Daniela Tavares, Fernanda Jardim, Karina Vilara e Marcelo dos Santos, pela inspiração dos próximos passos. Aos Professores Tatiana Oliveira, Carlos Pires e Elitza Bachvarova, por serem também meus modelos.

Ao Professor Lucas Pugliesi, que conheci no último ano da graduação e ainda assim foi uma parte importante dela, pela escuta bondosa e zelo.

Aos amigos que fiz na graduação e que partilharam comigo as dores, alegrias e descobertas dela, em especial, Luiza Tie Miyata, que compartilhou desta trajetória desde o primeiro dia; Felipe Alves, pelo amor fraterno; Felipe Vital, pelos ensinamentos acadêmicos e da vida; Cyro Barbosa, que esteve comigo desde a Fonologia até a Semântica; Igor Belloube, pelos conselhos mais sábios do que a idade; e Deyvid Amaro, pelo bom humor constante.

À Lucia Florez, que merece sua própria categoria, e é companhia das mais valiosas para todos os momentos dentro e fora da faculdade.

A Rafael Gama, meu noivo, cujo amor ilumina tudo o que eu faço. “Com você no pensamento, tudo vira bobagem, poema”.

RESUMO

A pesquisa visa a perscrutar as teias discursivas estruturantes do pensamento de Georges Canguilhem ao traçar a história das ciências da vida, pensando sobretudo o lugar dessas referências — muitas vezes ‘reverências’ — ao passado remoto do Ocidente. Para isso, examinaram-se as representações que Canguilhem faz do *Corpus hippocraticum*, em especial, mas também dos discursos que circulavam na França, tanto no seu tempo, o século XX, quanto no tempo que o antecedeu. Entre tais referências, figuram Hipócrates em suas diversas leituras intermediárias, Auguste Comte, Claude Bernard, Émile-Auguste Chartier e José Miguel Guardia Bagur, bem como o cenário discursivo que circundava Canguilhem, isto é, o pensamento positivista, o animismo, o mecanicismo, o vitalismo em suas diversas formas e a relação entre os conceitos de normal, patológico, doença e saúde. Assim, a pesquisa tem como objeto as referências discursivas de Georges Canguilhem, a fim de promover uma espécie de arqueologia de seu pensamento por meio do estudo de sua argumentação, especialmente no que tange aos elementos legitimadores de que se vale. Busca-se abordar esse tema pelo viés historicizante, na medida em que se preocupa sobretudo em discutir como esse pensamento dialoga com seu tempo e seu espaço e também como dele redundaram ulteriores práxeis, interpretações e abordagens.

Palavras-chave: Georges Canguilhem; Hipócrates; história das ciências; representação.

ABSTRACT

This monograph aims to scrutinize the discursive webs structuring Georges Canguilhem's thought as he traces the history of the life sciences, focusing particularly on the place of those references — often 'reverences' — to the remote past of the West. To this end, the study examines the representations that Canguilhem constructs of the *Corpus hippocraticum*, in particular, but also of the discourses circulating in France both in his own time, the twentieth century, and in the period that preceded it. Among such references are Hippocrates, as mediated through various interpretive traditions, Auguste Comte, Claude Bernard, Émile-Auguste Chartier and José Miguel Guardia Bagur, as well as the broader discursive landscape surrounding Canguilhem — namely, positivist thought, animism, mechanism and the various forms of vitalism, together with the relationships among the concepts of the normal, the pathological, disease and health. The research thus takes as its object the discursive references present in George Canguilhem's writings, in order to carry out a kind of archaeology of his thought through the study of his argumentative strategies, especially with regard to the legitimating elements on which it relies. The study approaches this theme from a historicizing perspective, insofar as it is chiefly concerned with understanding how this body of thought dialogues with its own time and space, and how it subsequently gave rise to further practices, interpretations and theoretical approaches.

Keywords: Georges Canguilhem; Hippocrates; history of science; representation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA NORMALIDADE.....	14
3 O HIPÓCRATES DE CANGUILHEM.....	21
3.1 O lugar do <i>Corpus hippocraticum</i> na obra canguilhemiana.....	21
3.2 O <i>Corpus hippocraticum</i> como elemento de legitimação.....	24
3.3 José Miguel Guardia Bagur, uma leitura intermediária.....	26
5 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Apesar de sua importância e estatura, Georges Canguilhem é mais mencionado do que citado, mais conhecido do que lido. Curiosamente, teve um destino análogo ao de “Hipócrates”: a ele são atribuídas ideias e até mesmo máximas muito mais pelo que ele passou a representar emblematicamente do que por resultado de uma leitura aprofundada de sua obra.

Canguilhem foi tanto um filósofo quanto um historiador da Medicina do século XX. Sua formação inicial é em Filosofia, pela *École Normale Supérieure*, na década de 1920. Posteriormente, em 1936, alguns anos após se formar, e enquanto dava aulas de filosofia, Canguilhem iniciou seus estudos em Medicina em Toulouse, concluídos em Estrasburgo. Segundo ele mesmo, na introdução de *O normal e o patológico*, seu interesse pelo curso de Medicina se deu por uma expectativa de lidar com “problemas humanos concretos” (Canguilhem, 2009, p. 10). Assim sendo, suas principais contribuições foram para a Filosofia e a História da Ciência, especialmente nas áreas da Medicina, da Psicologia e da Ética.

Malgrado haver Canguilhem proposto uma verdadeira forma revolucionária de lidar com a doença e a saúde, talvez seu nome esteja mais fortemente cravado nas memórias por ele ter sido o mestre de Michel Foucault, conquanto esse lhe tenha sobrevivido. Conforme observado por David M. Peña-Guzmán (2018), o legado de Canguilhem parece ilustrar bem a ironia da história de esquecer daqueles que se lembram dela e de lembrar daqueles que se vangloriam de tê-la esquecido. Peña-Guzmán aponta alguns motivos para o virtual desconhecimento da obra de Canguilhem junto às comunidades de especialistas que mais se beneficiariam dela, tais quais a científica, a historiográfica e a filosófica. Tal desconhecimento, segundo o Professor, pode dever-se ao caráter interdisciplinar do trabalho de Canguilhem, fator que o coloca eventualmente à margem das próprias disciplinas que buscou conciliar. Além dessas manobras disciplinares, muitos de seus comprometimentos teóricos iam em direção contrária ao *Zeitgeist*, fazendo-o parecer fora de contato com o seu tempo — por exemplo, a sua crença na autonomia das ciências da vida, posição que então se opunha à tendência dominante entre os demais filósofos das ciências, para os quais as ciências biológicas eram tidas como equivalentes a partes da física. Ainda segundo Peña-Gúzman, um número de desenvolvimentos desde a década de 1980 transformou a face pública da filosofia da ciência. Dentre elas, o declínio do pensamento positivista e a ascensão de teorias pós (e anti)-positivistas; a emancipação da filosofia da biologia em relação à filosofia da física; a

valorização ou o reconhecimento da importância da história da ciência dentre os filósofos da ciência, e a disseminação do discurso da “interdisciplinaridade” na academia. Tais desenvolvimentos, paradoxalmente, fizeram a obra de Canguilhem parecer mais moderna agora do que à época de sua publicação, mais aplicáveis à nossa cultura científica do que à dele.

James Marshall, Professor da Universidade de Auckland, falecido em 2021, postula que Canguilhem foi um historiador da ciência e não exatamente um filósofo da ciência; mas, se for assim, não se pode negligenciar que ele tenha sido também um historiador extremamente sensível às questões filosóficas. Ademais, Marshall evoca Dominique Lecourt, diretor do Centro Georges Canguilhem até 2011:

Provavelmente não existe definição melhor da história das ciências do que aquela concebida e praticada pelo próprio Georges Canguilhem... parece completamente justificado torná-lo o herdeiro de Bachelard. (Lecourt, 1975, p. 165)

Sua tese, no entanto, configura-se com uma proposta retilínea para uma nova abordagem da saúde e da doença, a partir dos conceitos, em si já problemáticos, de normal e patológico. Para defender as suas inovadoras ideias, Canguilhem convida seu leitor para uma profunda imersão num emaranhado discursivo que ele dispõe de modo que seus leitores possam localizar o percurso de suas ideias e mesmo as raízes de seus ideais.

Ainda que tenha mantido com Michel Foucault, seu ex-aluno e amigo, intensa interlocução até a morte prematura deste, Canguilhem não emprega um método arqueológico no que concerne ao seu exame dos conceitos, uma vez que parece descrever num substrato ontológico das ideias, um núcleo que lhes conferisse essência ou parte primordial da essência. Esse aspecto de sua lida com os conceitos tornam seu texto especialmente complexo, uma vez que o lugar que as referências ali ocupam oscilam ao sabor da natureza das referências mesmas.

As leituras que se fazem das medidas bioquímicas parecem ratificar os postulados que, como pretende-se demonstrar, Canguilhem atribui a “Hipócrates”. Nesse cenário discursivo que Canguilhem enseja, quatro vértices se fazem notar num primeiro momento: o quantitativo, o qualitativo, o mecanicismo e o vitalismo, pontos cardeais na operação de significação do patológico, a partir de sua relação com o normal. Cabe, neste momento e desde já, dizer que o primeiro motor da tese de Georges Canguilhem foi sua recusa à relação antitética entre o normal e o patológico, propondo um tema, de resto, muito presente em nosso tempo.

Tomando, portanto, como objeto as referências discursivas de Georges Canguilhem, tenciona-se propor inicialmente uma espécie de arqueologia de seu pensamento por meio do estudo de sua argumentação, especialmente dos elementos legitimadores de que se vale, analisando-se sobretudo a representação que o médico-filósofo faz da figura de Hipócrates. Embora os ecos discursivos na obra canguilhemiana sejam o foco e o objeto deste trabalho, busca-se também discutir brevemente as práxis, interpretações e abordagens resultantes da mudança de perspectiva provocada por sua obra no que tange aos conceitos de saúde, doença e normalidade, além do importante lugar que o seu pensamento ocupa na construção de novas políticas públicas a partir da segunda metade do século XX, como a saúde coletiva e a construção e a manutenção do Sistema Único de Saúde.

Para a realização de tal tarefa, elaborou-se primeiramente um levantamento bibliográfico, e delimitando como escopo a obra *O normal e o patológico*¹, o *magnum opus* de Canguilhem. Em seguida, foram mapeadas as principais referências presentes nesse *corpus*, sobretudo aquelas concernentes ao *Corpus hippocraticum*. Com base nos dados obtidos, não apenas foi possível a reiteração da ideia de que a representação que Canguilhem faz de Hipócrates é fruto de leituras secundárias, uma hipótese já muito presente nos estudos acerca da obra de Canguilhem², dos quais também é feito um breve levantamento e análise, como propõe-se ainda uma nova hipótese de leitura intermediária: a da obra de José Miguel Guardia Bagur, um historiador da Medicina naquele tempo muito popular e hoje quase completamente esquecido, exceto, talvez, na Espanha, seu país de origem.

Ciente de que os caminhos teórico-metodológicos são escolhas e, assim são não somente norteadores, mas também norteados, foram evocados autores que tenham proposto conceitos-ferramenta que possam ser instrumentalizados no projeto, como o de ‘capital simbólico’, tomado de Pierre Bourdieu, qual se toma de Roger Chartier o de ‘representação’, além do conceito de ‘paradigma indiciário’, de Carlo Ginzburg. Tais teorias, em que pese sua eventual ênfase no aspecto discursivo, também terão lugar nos alicerces teóricos da metodologia a ser empregada. Certamente, o primeiro conceito-ferramenta a ser tratado deve ser o de representação, uma vez que, segundo Roger Chartier:

¹ Adotou-se a edição brasileira da obra, publicada pela Editora Forense Universitária em 2009.

² Por exemplo, em “O vitalismo hipocrático de Canguilhem”, artigo de Cairus e Gallucci publicado na *Physis — Revista de Saúde Coletiva* em 2019, as referências aos antigos são o tema e o foco daquele pequeno estudo da obra de Canguilhem. O texto consegue também estabelecer uma dependência de fontes secundárias que marca o pensamento canguilhemiano, bem como atribuir a alguns historiadores da medicina o entendimento de Canguilhem de determinados conceitos e ideias da medicina. Dentre eles, cita-se o caso do *Corpus hippocraticum*, que apesar de frequentemente referenciado ao longo de toda a obra de Canguilhem, não figura nas referências bibliográficas tampouco ostenta referências textuais minimamente precisas, tendo sido lido, segundo sustentam os autores, a partir da história traçada por Charles Singer.

(...) não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação. Ou seja, qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação. (Chartier, 2011, p. 16)

Logo, considera-se que a representação é tanto objeto quanto a lente através da qual os objetos são vistos, além de uma importante noção que se afasta criticamente de um positivismo que postula que o objeto é capaz de falar por si mesmo. Ou seja, o conceito de representação é aqui empregado para tratar tanto da forma com que Canguilhem alude a seus personagens, em especial a Hipócrates, como o que motiva tais alusões e de que modo elas ocorrem em seu discurso.

No que concerne ao exame da estratégia de legitimação discursiva que leva Canguilhem a buscar certos respaldos institucionais para afiançar suas ideias e ideais, recorreu-se a Pierre Bourdieu a fim de compreender o capital simbólico de que Canguilhem parece ter ido à procura tanto em suas referências quanto nas instituições às quais se associa.

No entanto, se a contribuição bourdieusiana oferece uma chave para situar o modo como Canguilhem reveste-se e é revestido de autoridade, o conceito de ‘paradigma indiciário’ de Carlo Ginzburg orienta a abordagem metodológica adotada nesta pesquisa. Em seu ensaio “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário” (1989), Ginzburg argumenta que foi por volta do final do século XIX que emergiu um modelo epistemológico, ou, posto em seus termos, um paradigma, ao qual ainda não se havia dado a devida atenção. Tal paradigma seria o que os historiadores da arte viriam a chamar de “método morelliano”, assim nomeado em referência ao italiano Giovanni Morelli, um médico, historiador e crítico de arte responsável por autenticar obras de arte verdadeiras, distinguindo os originais dentre as cópias. Para isso, e de modo muito semelhante ao qual operava o personagem de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes, conforme observa Ginzburg, Morelli propõe que, ao contrário do que é feito tipicamente, isto é, concentrar-se nas características mais marcantes, e, portanto, mais facilmente imitáveis dos quadros, dever-se-ia examinar as minúcias que mais tendem a ser esquecidas, e, desse modo, seriam menos influenciáveis pela escola a que se filiava o pintor — detalhes como os lóbulos das orelhas e as unhas.

Conquanto a noção de inconsciente tenha sido uma decorrência das ideias de Charcot, Morelli, a partir dessa descoberta, ocupa também um lugar especial na história da formação da Psicanálise, contagiando Freud, que o reconhece explicitamente, no que tange a esses

‘pequenos gestos inconscientes’, que equivaleriam aos atos falhos. Observando que tanto Morelli, Arthur Conan Doyle e Freud eram médicos, Ginzburg nomeia esse método, que começou a se afirmar nas ciências humanas no século XIX baseado na Semiótica, de ‘paradigma indiciário’:

(....) o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural. (Ginzburg, 1989, p. 157)

A partir deste paradigma, buscou-se também indícios das filiações não declaradas de Canguilhem a partir de pequenos gestos, ou mesmo atos falhos, presentes em seus textos, como, por exemplo, o que proponho ser o caso do que ocorre em sua relação com o texto do historiador das ciências José Miguel Guardia Bagur. Esta monografia, portanto, tem por objetivo perscrutar alguns fios das teias discursivas estruturantes de certos elementos do pensamento de Georges Canguilhem, pensando sobretudo o lugar dessas referências — muitas vezes ‘reverências’ — ao passado remoto do Ocidente, mas também aos discursos que circulavam na França, tanto no seu tempo, o século XX, quanto no tempo que o antecedeu. Entre tais referências, figuram Hipócrates em suas diversas leituras intermediárias, Auguste Comte, Claude Bernard, Émile-Auguste Chartier e José Miguel Guardia Bagur, bem como o cenário discursivo que circundava Canguilhem e os autores que o serviram como referência textual, como o pensamento positivista, o mecanicismo e o vitalismo em suas diversas formas.

2 A INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA NORMALIDADE

A obra magna de Canguilhem é, sem dúvida, *O normal e o patológico*, publicada em 1943 como uma reedição da sua tese³ em Medicina do mesmo ano, intitulada *Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique*, e a primeira de suas três teses de Doutorado, as outras duas sendo em Filosofia⁴, na década de 1950. Nessa tese, Canguilhem propõe uma reflexão acerca dos conceitos de saudável, doente, normal e anormal, e, portanto, uma nova forma de entendê-los. O ponto de partida da reflexão de Canguilhem nessa sua obra magna foi a denúncia de um quantitativismo deletério na própria concepção do estado patológico, uma condição que o opõe à normalidade, por inércia epistemológica. Ainda que desde as obras de Émile Littré e de Charles Daremberg a chamada medicina hipocrática tenha se deslocado do lugar de Medicina para o de História da Medicina, Canguilhem notou a permanência de seus princípios definitórios do próprio estado patológico. Mesmo a teoria microbiana de Louis Pasteur não deixava de perpetuar tais princípios.

A tese estrutura-se em duas partes. A primeira, de natureza mais teórica, dedica-se a examinar alguns autores — respectivamente, Auguste Comte, Claude Bernard e René Leriche —, com o intuito tanto de estabelecer, inicialmente, a teia discursiva própria a cada um deles, quanto de construir, por meio dessa análise, a sua própria. Nesse primeiro momento, a argumentação de Canguilhem é, portanto, construída a partir da refutação das ideias, sobretudo desses três autores, de modo a encaminhar-se progressivamente para a formulação de novos conceitos de saúde, normal e patológico. Na segunda parte do texto, Canguilhem estabelece como objetivo de pesquisa “saber se (...) a medicina não estaria retomando da fisiologia o que ela própria lhe havia dado” (Canguilhem, 2009, p. 39), isto é, examinar o caminho percorrido pelo conceito de normalidade até ser compreendido como correspondente às noções de saúde e de sanidade. A partir desse ponto, estabelecidas as distinções entre anomalia e estado patológico, de um lado, e variedade biológica e valor vital negativo, de outro, o autor volta-se à identificação do momento em que é possível distinguir a doença, adotando o ponto de vista do indivíduo, e conduzindo, dessa forma, à elaboração da noção de cura.

³ Neste caso, trata-se de uma *thèse d'exercice*, exigida na França para a conclusão dos estudos em determinadas áreas da saúde, como a Medicina.

⁴ A primeira defendida em 1952 como tese complementar em Filosofia, *La connaissance de la vie*; a segunda, sua tese principal em Filosofia, ou *thèse d'État*, defendida em 1955, *La formation du concept de réflexe aux XVIII^e et XIX^e siècles*.

Nesse horizonte, inscreve-se a distinção entre o quantitativo e o qualitativo, traçada, na primeira parte de *O normal e o patológico*, a partir da refutação dos pensamentos de Auguste Comte (1798–1857) e de Claude Bernard (1813–1878). Canguilhem já havia escrito sobre Auguste Comte em 1926, em seu Memorial de conclusão de curso da Graduação de Filosofia na *École Normale Supérieure*.⁵ Em 1943, com sua tese, ele o retoma, dessa vez para contestar a equivalência que o filósofo positivista tenta estabelecer entre saúde e normalidade. Para isso, o próprio Canguilhem busca inicialmente reconstruir a teia discursiva de Comte referente ao que se tornou, durante o século XIX, um dito dogma da “identidade real dos fenômenos vitais e patológicos” (Canguilhem, 2009, p. 12). Parte-se, com esse intuito, da teoria resultante da transformação da anatomia — cujo enfoque está nas “partes” do corpo — em fisiologia — cujo foco recai sobre o funcionamento do corpo e os processos que o mantém. A isso, segue-se um novo desdobramento: o prolongamento da fisiologia, isto é, o estudo correspondente ao funcionamento “normal” do corpo, pela patologia, a área da medicina que se dedica a entender as doenças ou o “anormal”. Dessa continuidade resulta o axioma segundo o qual os fenômenos patológicos nos seres vivos são meramente variações de ordem quantitativa dos fenômenos fisiológicos a que correspondem.

Na trajetória que Canguilhem delineia para Comte, o princípio de Broussais ocuparia um marco definatório no que tange à visão positivista acerca dos conceitos de saúde e normalidade e que se estenderia também aos fenômenos biológicos, psicológicos e sociológicos. O médico francês François Joseph Victor Broussais publica, em 1828, o *De l'irritation et de la folie: ouvrage dans lequel les rapports du physique et du moral sont établis sur les bases de la médecine physiologique*, obra na qual está presente o *Traité sur l'irritation*. Nesse tratado sobre as irritações, Broussais defende que são as variações em relação a um organismo normal que produziriam uma condição patológica, adotando uma concepção quantitativa da diferença entre o normal e o patológico — perspectiva que Comte acolhe e que permanece até Leriche, mas que Canguilhem posteriormente contestará em favor de uma diferenciação qualitativa entre normal e patológico. Nas palavras de Canguilhem:

Comte atribui a Broussais o mérito que na realidade cabe a Bichat, e antes dele a Pinel, de ter proclamado que todas as doenças aceitas como tal são apenas sintomas, e que não poderiam existir perturbações das funções vitais sem lesões de órgãos, ou melhor, de tecidos. Mas, sobretudo, acrescenta Comte, “jamais se concebeu de maneira tão direta e tão satisfatória a relação fundamental entre a patologia e a fisiologia”. Com efeito, Broussais explica que todas as doenças consistem, basicamente, “no excesso ou falta de excitação dos diversos tecidos abaixo ou acima

⁵ Intitulada *La théorie de l'ordre et du progrès chez Auguste Comte* e orientada por Célestin Bouglé, disponível no CAPHÉS sob a cota GC 6.1 (Souto, 2021).

do grau que constitui o estado normal”. Portanto, as doenças nada mais são que os efeitos de simples mudanças de intensidade na ação dos estimulantes indispensáveis à conservação da saúde. (Canguilhem, 2009, p. 14)

Não obstante, é importante lembrar que tanto as consequências desse pensamento positivista para a filosofia da medicina quanto suas implicações sociais, ideológicas e, portanto, políticas levaram à eugenia e ao autoritarismo, uma vez que retiram do sujeito a capacidade de instituir suas próprias normas e de viver de modo singular, sendo este o primeiro passo para a medicalização e normatização da existência, conforme a filosofia de Foucault proporia posteriormente. Ainda assim, seus princípios continuavam e continuam presentes nas práticas dos operadores de saúde, em especial da saúde pública, por exemplo, nos manicômios, que ainda perduram apesar da reforma psiquiátrica em andamento.

A mesma ideia ou dogma é, em seguida, refutada também no pensamento de Claude Bernard — Canguilhem assinala, inclusive, que, embora Claude Bernard nunca se refira a Comte, é sabido que o leu, conforme atestam suas detalhadas anotações publicadas por Jacques Chevalier (Canguilhem, 2009, p. 21). De acordo com Canguilhem, para Comte, o interesse parte do patológico em direção ao normal, com o objetivo de estabelecer as leis do normal, conforme o projeto da filosofia positiva, por meio de estudos de natureza especulativa, voltados tanto à compreensão quanto, em última instância, à regulação social, e dotados de um caráter essencialmente teórico e conceitual; nas palavras de Comte:

Sem dúvida, ao tomar o conjunto completo de toda sorte dos trabalhos da espécie humana, deve-se conceber o estudo da natureza, destinando-se a fornecer a verdadeira base racional da ação do homem sobre ela. O conhecimento das leis dos fenômenos, cujo resultado constante é fazer com que sejam previstos por nós, evidentemente pode nos conduzir, de modo exclusivo, na vida ativa, a modificar um fenômeno por outro, tudo isso em nosso proveito. Nossos meios naturais e diretos para agir sobre os corpos que nos rodeiam são extremamente fracos e inteiramente desproporcionados às nossas necessidades. Todas as vezes que chegamos a exercer uma grande ação, é somente porque o conhecimento das leis naturais nos permite introduzir, entre as circunstâncias determinadas sob a influência das quais se realizam os diversos fenômenos, alguns elementos modificadores que, em que pese a sua própria fraqueza, bastam, em certos casos, para fazer reverter, em nosso proveito, os resultados definitivos do conjunto das causas exteriores. Em resumo, *ciência, daí previdência; previdência, daí ação*: tal é a fórmula muito simples que exprime, duma maneira exata, a relação geral da *ciência* e da *arte*, tomando essas duas expressões em sua acepção total. (Comte, 1988, p. 23)

Para Claude Bernard, esse movimento se dá no sentido inverso, indo do normal para o patológico. Nesse caso, trata-se de uma abordagem fundada na experimentação, cujo propósito é intervir no estado patológico, visando à sua modificação e, idealmente, à cura.

Canguilhem não deixa de salientar, contudo, a importância dos estudos de Claude Bernard, chegando mesmo a sugerir que sua obra ainda não havia recebido a atenção que lhe era devida. Efetivamente, apesar de sua “Medicina experimental” ter logrado certa celebridade, o parâmetro mais constante de suas elaborações teóricas consistia no desenho da fronteira entre o meio externo e meio interno, uma ideia que, em parte, traduz ou atualiza a relação entre o macrocosmo (meio externo) e o microcosmo (meio interno) que o *Corpus hippocraticum* apresenta no *Da dieta IV*. Essa dicotomia perpassa o pensamento de Canguilhem, atravessa-o e reivindica distinções entre sintomas e etiologias, propondo novas balizas para ambas as categorias.

As ideias na obra de Canguilhem têm seus lastros reconhecidos, seus ascendentes e epígonos e tais compromissos e comprometimentos devem ser sempre considerados. É fundamental, pois, considerar o lugar que Canguilhem dá à construção e à elucidação dessas referências:

Essas indicações sumárias parecem ser suficientes para mostrar que a tese cujo sentido e alcance gostaríamos de definir não foi inventada gratuitamente. A história das idéias não pode ser necessariamente superposta à história das ciências. Porém, já que os cientistas, como homens, vivem sua vida em um ambiente e em um meio que não são exclusivamente científicos, a história das ciências não pode negligenciar a história das idéias. Aplicando a uma tese sua própria conclusão, seria possível dizer que as deformações por ela sofridas no meio de cultura podem revelar sua significação essencial. (Canguilhem, 2009, p. 13)

É a construção desse percurso teórico que levará, na segunda parte da obra, à problematização da própria noção de norma, ou de um estado fisiológico dito “normal”, até então tomado como axiomático nos pensamentos de Comte e de Bernard, uma vez que é a partir da ideia de norma que o ponto de vista quantitativo é endossado. Sobre esse tópico, Canguilhem esclarece:

Como já foi assinalado, a propósito das idéias de Broussais, é em relação a uma norma que se pode falar de mais ou de menos, no campo das funções e das necessidades fisiológicas. A hidratação dos tecidos é, por exemplo, um fato a que se pode aplicar os termos de mais e de menos; o teor do cálcio no sangue também. Esses resultados quantitativamente diferentes não têm nenhuma qualidade, nenhum valor, em um laboratório, se esse laboratório não tiver nenhuma relação com um hospital ou uma clínica, nos quais esses resultados vão adquirir ou não valor de uremia, ou de tetania. Pelo fato de a fisiologia estar situada na confluência do laboratório e da clínica, adota dois pontos de vista sobre os fenômenos biológicos, mas isso não quer dizer que esses pontos de vista possam ser confundidos. Se substituirmos um contraste qualitativo por uma progressão quantitativa, nem por isso estaremos anulando essa oposição. A oposição sempre se mantém no fundo da consciência que decidiu adotar o ponto de vista teórico e métrico. Portanto, quando dizemos que saúde e doença estão ligadas por todos os intermediários, e quando se converte essa continuidade em homogeneidade, esquecemos que a diferença

continua a saltar aos olhos, nos extremos, sem os quais os intermediários não teriam de desempenhar seu papel mediador; mistura-se, sem dúvida, inconscientemente, mas ilegítimamente, o cálculo abstrato das identidades e a apreciação concreta das diferenças. (Canguilhem, 2009, p. 36)

Desse modo, Canguilhem tece um discurso segundo o qual o organismo saudável é aquele dotado da capacidade de produzir estados adaptados, em consonância com a perspectiva de René Leriche, para quem “a saúde é a vida no silêncio dos órgãos; que, por conseguinte, o normal biológico só é revelado, como já dissemos, por infrações à norma (...)” (Canguilhem, 2009, p. 38). Tal concepção afasta-se da posição de Claude Bernard, e, além disso, afirma essa capacidade de adaptação como individual, ou seja, que não pode ser tomada a partir do coletivo, em contraste com o que acreditava Comte.

Em 1966, foi lançada uma segunda edição pela Editora *Presses Universitaires de France* (PUF) com o título pelo qual a obra se tornou mais conhecida, *Le normal et le pathologique*; nessa edição, a tese ganhou um acréscimo de quase cinquenta páginas, intitulado “*Nouvelles réflexions concernant le normal et le pathologique*”. Nesse texto acrescido, Canguilhem examina novas leituras que surgiram ao longo dos vinte anos que seguiram à edição da primeira versão da obra, considerando, sobretudo, as novas publicações acerca de Claude Bernard e uma sugestão de um leitor que lhe recomendava considerar certa passagem da obra de Immanuel Kant. A versão de 1966 foi traduzida e publicada no Brasil em 1978 pela Editora Forense Universitária, sendo a última edição dessa tradução de 2011.

A ideia central da tese de Claude Bernard, a saber, a da perspectiva da saúde a partir da observação dos meios interno e externo não apenas, como já dito, reverbera as ideias do *Da dieta IV*, como também recupera as proposições de uma das obras mais célebres e referenciais do *Corpus hippocraticum*, o tratado *Ares, águas e lugares*. O texto, certamente do século V a.C., postula um complexo juízo acerca da relação entre a saúde do homem e o meio que o cerca, e, assim, convoca todas as artes (*tékhnai*) ao concurso da medicina, mas de modo muito especial aquela que hoje poder-se-ia chamar de ‘urbanismo’, se for aqui lícito essa licença de anacronismo.

Dessarte, a essas noções de saúde correspondem respectivos modelos de saúde pública — a exemplo da cidade sã, idealizada por Vitruvius no tratado *De Architectura* a partir dos postulados hipocráticos, e dos estudos nosológicos promovidos pela ciência norte-americana, pesquisas frequentemente patrocinadas por grandes corporações e de cunho quantitativo. É a partir do momento inaugurado pelo pensamento canguilhemiano que advém uma nova quebra por meio da qual surge um terceiro e atual momento, no qual estão firmados os alicerces das

nossas concepções contemporâneas de saúde e de doença. Do mesmo modo, a refutação da oposição entre o normal e o patológico proposta por Canguilhem implicou não somente a reformulação de práticas clínicas oriundas de uma compreensão da saúde como algo que não pode ser imposta a uma coletividade, mas que deve ser derivada de quem a Medicina toma como objeto, e sempre em sua totalidade, e também avançando para uma discussão que pensa a saúde coletiva, inclusive como campo, e que culminou na democratização da saúde e na criação do Sistema Único de Saúde, o SUS.

A atualização desses conceitos gerada por sua obra ensejou uma virada importante, ainda que paulatina. Canguilhem, de fato, redimensionou e repactou os alicerces discursivos dos conceitos de saúde. Essa repactuação, no entanto, encontra evidentemente muita resistência, porquanto opera não somente uma mentalidade muito arraigada, como também atinge interesses econômicos relevantes. O médico-filósofo, assim, tem uma obra que coloca à prova os limites transformadores do discurso, um discurso, de resto, pelo qual a saúde pública vem sendo entendida em muitos lugares do mundo, inclusive no Brasil. Explicam essa ideia Maria Thereza Ávila Coelho e Naomar de Almeida Filho:

Do ponto de vista epistemológico, a dificuldade de conceituar saúde é reconhecida desde a Grécia antiga (Canguilhem, 1990). A carência de estudos sobre o conceito de saúde propriamente definido parece indicar uma dificuldade do paradigma científico dominante nos mais diversos campos científicos de abordar a saúde positivamente. Por outro lado, tal pobreza conceitual pode ter sido resultado da influência da indústria farmacêutica e de uma certa cultura da doença, que têm restringido o interesse e os investimentos de pesquisa a um tratamento teórico e empírico da questão da saúde como mera ausência de doença. (Coelho & Almeida Filho, 2002, p. 316)

Além disso, Méthot (2020, p. 16 *apud* Simons, 2022, p. 2) alega que a tese de 1943 de Canguilhem marcou “o retorno da filosofia biológica na França”, na medida em que esse campo não era bem visto em razão do surgimento, durante a Segunda Guerra Mundial, de uma nova corrente vitalista associada ao nazismo. Canguilhem, por sua vez, propõe um ‘vitalismo hipocrático’, nos termos de Cairus e Gallucci (2019), ou um ‘vitalismo crítico’, de acordo com Souto (2021). Tal concepção de vitalismo não se coloca em oposição ao mecanicismo ou ao animismo — as duas correntes teóricas em disputa nos séculos XVII e XVIII. O mecanicismo é criticado por reduzir o vivo ao inerte, atribuindo aos fenômenos vitais leis que partem de uma leitura própria da ordem da física; o animismo, por sua vez, sustenta a existência de uma alma, partindo de uma explicação de natureza espiritual. Contudo, o pensamento de Canguilhem herda, em parte, o vitalismo concebido na Escola de Montpellier, que postula que há uma dimensão ‘vital’ inerente aos organismos vivos e

opõe-se, principalmente, ao mecanicismo, todavia oferecendo uma alternativa, em certa medida, para essas ideias em tensão. Canguilhem dialoga com essa noção, conquanto afirma uma elaboração própria e singular do vitalismo. Adota-se, neste estudo, a noção de ‘vitalismo hipocrático’, que será retomada no próximo capítulo.

Isto posto, observa-se em Canguilhem um certo cuidado em distinguir esse vitalismo eugenista de um outro tipo de vitalismo, busca essa fundamentada e direcionada por meio da ideologia. Embora Canguilhem não se furte a essa orientação ideológica do vitalismo, ao contrário de Foucault — cuja filosofia se organiza em torno do poder e do discurso —, a investigação de Canguilhem não trata diretamente da questão do poder. Ainda que o discurso ocupe um lugar relevante em sua obra, ele não assume a forma explícita como em Foucault, uma vez que há traços de fenomenologia no pensamento canguilhemiano, que concede que a linguagem é capaz de produzir uma verdade a partir da realidade: a doença, por exemplo, constitui-se como realidade através do discurso, a partir do qual é possível estabelecer o que é normal e o que é patológico.

3 O HIPÓCRATES DE CANGUILHEM

3.1 O lugar do *Corpus hippocraticum* na obra canguilhemiana

O normal e o patológico faz três menções nominais a Hipócrates. A primeira, já no capítulo inicial, cumpre a função de “introdução ao problema”. Ao considerarmos os dois grandes momentos de mudança paradigmática da noção saúde-doença, ou as “duas grandes representações da doença”, conforme descritos por Canguilhem, temos, em sua aurora, os escritos e práticas hipocráticos, e, em oposição a esses, a teoria microbiana e as ideias de Pasteur, às quais Canguilhem se refere como “dogmas”:

Atualmente ainda existe uma hierarquia vulgar das doenças, baseada na maior facilidade de localizar seus sintomas. Assim, a paralisia agitante é mais doença do que a zona torácica, e a zona torácica mais do que o furúnculo. Sem querer atentar contra a majestade dos dogmas de Pasteur, pode-se até dizer que a teoria microbiana das doenças contagiosas deve, certamente, uma parte considerável de seu sucesso ao fato de conter uma representação ontológica do mal. O micróbio, mesmo sendo necessária a mediação complicada do microscópio, dos corantes e das culturas, pode ser visto, ao passo que não se poderia ver um miasma ou uma influência. Ver um ser já é prever um ato. Ninguém pode contestar o caráter otimista das teorias da infecção quanto a seu prolongamento terapêutico. A descoberta das toxinas e o reconhecimento do papel patogênico dos terrenos específicos e individual destruíram a admirável simplicidade de uma doutrina, cuja roupagem científica dissimulava a persistência de uma reação diante do mal, que é tão antiga quanto o próprio homem. (Canguilhem, 2009, p. 11)

A noção atribuída a Hipócrates de *vis medicatrix naturae* é apresentada, ainda nessa primeira menção, como contraponto à concepção “ontológica” da doença de Pasteur. Ao evocar a *vis medicatrix naturae*⁶, introduz-se a ideia de uma medicina expectante, na qual Canguilhem encontra respaldo para a concepção de uma medicina totalizante, a partir da qual instaura o seu vitalismo hipocrático, e que resultou, posteriormente, no desenvolvimento das ideias e terapias holísticas. Não se trata, porém, de propor efetivamente uma prática expectante: o intuito parece ser respaldar a afirmação do corpo como uma totalidade, e não um mero conjunto de partes às quais se atribuem variados valores isolados, eventualmente coincidentes ou não com uma norma.

⁶ Literalmente, “a força curativa da natureza”. Essa expressão foi atribuída a Hipócrates, embora o termo tenha sido consolidado apenas posteriormente, no contexto da medicina de Galeno, sugere que a cura é inerente ao organismo e posiciona o médico como aquele que deve apenas favorecer e sustentar esse processo natural. É, de fato, uma decorrência da ideia de uma φύσις ou *natura* edênica, um pressuposto de muitos tratados hipocráticos.

A segunda menção explícita ao *Corpus hippocraticum* ocorre somente no final de *O normal e o patológico*, no último capítulo da segunda parte, dedicado ao exame da fisiologia e da patologia enquanto ciências. Nessa etapa de sua argumentação, Canguilhem sugere para a fisiologia e a patologia um estatuto que já não corresponde mais ao de ciências das leis, nos moldes positivistas, nem ao de ciências da natureza, ao modo dito histórico, mas integrando as ciências da vida, à maneira do vitalismo hipocrático que propõe.

Com esse intuito, Canguilhem retoma o conceito abordado na primeira alusão, desta vez por meio da expressão abreviada *natura medicatrix*, que pode ser traduzida literalmente como “natureza curadora”. Embora essa abreviação possa ser empregada de forma intercambiável com *vis medicatrix naturae*, tal formulação desloca a ênfase para a própria natureza como agente curador. Essa retomada é feita, por sua vez, a partir da leitura de Raphaël Dubois, identificando-o como, até onde se tem conhecimento, o único autor a tratar da definição de fisiologia como ciência não através da etimologia ou da tautologia, mas de modo que, segundo ele, “faz derivar dessa mesma definição o sentido da teoria hipocrática da *natura medicatrix*” (Canguilhem, 2009, p. 67). Aqui, a ideia da medicina expectante reaparece para corroborar a noção do corpo como uma totalidade. Através desse percurso, Canguilhem conclui:

Na medida em que a análise anatômica e fisiológica dissocia o organismo em órgãos e em funções elementares, ela tende a situar a doença no nível das condições anatômicas e fisiológicas parciais da estrutura total ou do comportamento de conjunto. Conforme progride a minúcia da análise, a doença será colocada no nível do órgão — como Morgagni —, no nível do tecido — como Bichat —, no nível da célula — como Virchow. Mas, assim procedendo, esquecemos que, histórica, lógica e histologicamente chegamos até a célula por ordem regressiva, a partir do organismo total, e com o pensamento, ou talvez mesmo o olhar, voltado para ele. Procurou-se no tecido ou na célula a solução de um problema levantado pelo organismo inteiro, e que se apresenta primeiro para o doente, e, em seguida, para o clínico. Procurar a doença no nível da célula é confundir o plano da vida concreta — em que a polaridade biológica estabelece a diferença entre a saúde e a doença — e o plano da ciência abstrata — em que o problema recebe uma solução. Não queremos dizer que uma célula não possa estar doente se, por célula, entendermos um ser vivo unicelular considerado como um todo, como, por exemplo, um protista; mas queremos dizer que a doença de um ser vivo não se situa em determinadas partes do organismo. (Canguilhem, 2009, p. 74)

Por fim, a terceira e última alusão direta ao *Corpus hippocraticum* encontra-se, na verdade, no primeiro capítulo do acréscimo de 1966, em que Canguilhem trata da passagem redescoberta por ele de Kant⁷. Nesse momento da obra, o autor aplica a distinção dos

⁷ Canguilhem cita, a esse propósito, na introdução ao acréscimo textual que faz à segunda edição, a passagem indicada por Francis Courtes, seu leitor e jovem colega na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Montpellier: “Kant notou, provavelmente por volta do ano 1798: “Recentemente insistiu-se sobre a necessidade

conceitos em escolásticos e cósmicos, formulada por Kant na *Crítica da razão pura*, às noções de norma e de normal: a primeira, segundo ele, pertence à ordem escolástica, enquanto a segunda inscreve-se na ordem cósmica, o que Canguilhem explica da seguinte maneira:

Em todos os quatro casos, o que caracteriza um objeto ou um fato dito normal, em referência a uma norma externa ou imanente, é poder ser, por sua vez, tomado como ponto de referência em relação a objetos ou fatos ainda à espera de serem classificados como tais. Portanto, o normal é, ao mesmo tempo, a extensão e a exibição da norma. Ele multiplica a regra, ao mesmo tempo que a indica. Ele requer, portanto, fora de si, a seu lado e junto a si, tudo o que ainda lhe escapa. Uma norma tira seu sentido, sua função e seu valor do fato de existir, fora dela, algo que não corresponde à exigência a que ela obedece. (Canguilhem, 2009, p. 91)

A partir disso, e considerando o termo ‘normal’ desde suas raízes até a sua difusão na linguagem comum a partir dos campos pedagógico e médico, em que passou a designar padrões de correção, saúde e funcionamento, bem como os exemplos de normalização que revelam o caráter invariável da normalidade, Canguilhem passa a tratar da associação, empreendida por muitos autores, inclusive e notadamente por Comte, entre organismo e organização. É a Hipócrates que ele atribui parte dessa construção comtiana, identificando nela conceitos que nomeia como pertencentes à tradição hipocrática — sinergia e simpatia —, os quais Comte diria, nessa perspectiva, constituem os aspectos segundo os quais são coordenadas as partes do consenso das partes, isto é, a sociedade. Não é surpreendente que Canguilhem reconheça o lugar do *Corpus hippocraticum* na filosofia comtiana, uma vez que o positivismo ensejou uma virada importante na representação de ‘Hipócrates’, conforme será visto mais adiante.

É importante salientar que desde o seu primeiro indício de interesse pela medicina, já em 1929, na revista *Libres Propos*, dirigida por Alain⁸, sob a forma de uma resenha de um livro que acabava de ser publicado por René Allendy, Canguilhem já demonstra interesse pela medicina hipocrática, conforme evidencia Dominique Lecourt em sua biografia⁹. Todavia, essa dependência de fontes secundárias se evidencia através da falta de esmero com a qual Canguilhem referencia textualmente Hipócrates ao longo de sua obra. Não obstante sua usual diligência com as notas bibliográficas, ao tratar do *Corpus hippocraticum* ele se torna

de esclarecer o emaranhado do fato político partindo dos deveres do súdito em vez de partir dos direitos do cidadão. Da mesma forma, foram as doenças que deram origem à fisiologia; e não foi a fisiologia, e sim a patologia e a clínica que deram início à medicina. A razão é que, para dizer a verdade, não sentimos o bem-estar, pois este bem estar é simples consciência de viver, e só seu impedimento suscita a força de resistência. Não há nada de surpreendente, portanto, no fato de Brown começar pela classificação das doenças.”” (Canguilhem, 2009, p. 89).

⁸ Conforme assinala Noto (2016, p. 357), que também toma suas publicações na *Libres Propos* como evidência da proximidade entre os dois filósofos.

⁹ Lecourt, 2016, p. 32.

demasiado vago e inespecífico, sugerindo, portanto, que o Hipócrates de Canguilhem é fruto de uma leitura intermediária.

Canguilhem demonstra ainda cautela ao evitar mencionar diretamente ‘Hipócrates’, optando por termos como “escritos e práticas hipocráticos” (p. 11), “teoria hipocrática” (p. 67) e “tradição hipocrática” (p. 96).¹⁰

Tal tendência já havia sido anteriormente sinalizada por outros autores, não somente na obra de Canguilhem, mas de muitos outros que aludem ao texto hipocrático por meio de interpretações secundárias, a primeira delas sendo a de Galeno. O texto de Cairus e Gallucci (2019) cita, por exemplo, Geroulanos (2009) como propositor de Charles Singer na qualidade de uma das fontes secundárias usadas por Canguilhem. Aqui, contudo, visa-se a investigar sobretudo a hipótese de que um dos historiadores da Medicina ao qual Canguilhem pode dever o seu entendimento de Hipócrates tenha sido José Miguel Guardia Bagur.

3.2 O *Corpus hippocraticum* como elemento de legitimação

Logo de início, na introdução da obra que inaugurou sua entrada no campo da História das Ciências, *O normal e o patológico*, Canguilhem elucida o que pode levar um filósofo a se interessar pela Medicina:

A filosofia é uma reflexão para a qual qualquer matéria estranha serve, ou diríamos mesmo para a qual só serve a matéria que lhe for estranha. Tendo começado o curso de medicina alguns anos depois de haver terminado o curso de filosofia, e ao mesmo tempo que ensinava filosofia, tornam-se necessárias algumas palavras de explicação a respeito de nossas intenções. Não é necessariamente para conhecer melhor as doenças mentais que um professor de filosofia pode se interessar pela medicina. Não é, também, necessariamente para praticar uma disciplina científica. Esperávamos da medicina justamente uma introdução a problemas humanos concretos. A medicina nos parecia, e nos parece ainda, uma técnica ou arte situada na confluência de várias ciências, mais do que uma ciência propriamente dita. Parecia-nos que uma cultura médica direta viria favorecer uma colocação mais precisa e o esclarecimento de dois problemas que nos interessavam: o das relações entre ciências e técnicas e o das normas e do normal. Aplicando à medicina um espírito que gostaríamos de chamar "sem preconceitos", pareceu-nos que, apesar de tantos esforços louváveis para introduzir métodos de racionalização científica, o essencial dessa ciência ainda era a clínica e a terapêutica, isto é, uma técnica de instauração e de restauração do normal, que não pode ser inteiramente reduzida ao simples conhecimento. (Canguilhem, p. 10, 2009)

¹⁰ Na edição brasileira de 2009. Na edição de 1998 da PUF: “*les écrits et les pratiques hippocratiques*” (p. 12), “*la théorie hippocratique*” (pp. 135–6) e “*tradition hippocratique*” (p. 186).

Contudo, é necessário questionar também se não há, no texto, estratégias de legitimação no campo tanto da Medicina, no qual almejava ser lido, quanto no da Filosofia, uma vez que o médico-filósofo francês tratou de um tema especialmente estranho aos estudos filosóficos. E tal legitimação poderia ser alcançada ou reforçada por meio da vinculação à instituição da Faculdade de Medicina, viabilizando, inclusive, um lugar de avalista ao “Hipócrates”. Nas palavras de Bourdieu:

Conforme se pode constatar, todos os esforços para encontrar na lógica propriamente lingüística das diferentes formas de argumentação, de retórica e de estilística, o princípio de sua eficácia simbólica, estão condenados ao fracasso quando não logram estabelecer a relação entre as propriedades do discurso, as propriedades daquele que o pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-lo. (Bourdieu, 2022, p. 89)

É mister, portanto, considerar que a formação inicial de Canguilhem é em Filosofia, disciplina que passou a lecionar em liceus ao redor da França, quando, em Toulouse, iniciou seus estudos em Medicina, em 1936. Apesar disso, é no campo da Medicina que Canguilhem publica a sua tese e obra magna. Não obstante, Canguilhem nunca exerceu a Medicina, atuando como médico apenas no contexto da Segunda Guerra Mundial em alguns campos de batalha da França ocupada. Posteriormente, defendeu mais duas teses no campo da Filosofia. Não somente na introdução do autor para *O normal e o patológico*, mas também em entrevistas¹¹, Canguilhem reafirma que a sua opção de cursar Medicina se deu devido a uma suposta necessidade de lidar com problemas humanos concretos, como a dor, a angústia e a morte.

No que concerne ao Hipócrates de Canguilhem como referência legitimadora, convém destacar, primeiramente, que não apenas se atribuiu a Hipócrates numerosos escritos e informações biográficas que não lhe pertenciam — desde as suas *Vidas*, gênero sabidamente fictício, até cartas, discursos e honras —, como também o próprio *Corpus hippocraticum* é reconhecido como obra de variados autores, conforme afirma Ribeiro Jr. (2005, p. 12). Desse modo, a própria imagem de Hipócrates adquire uma dimensão narrativa, e, por conseguinte, simbólica.

Segundo Cairus (1999, p. 1), “o *Corpus hippocraticum* nunca deixou de ser lido desde sua constituição e até mesmo desde antes dela”. Pode-se afirmar também que o *Corpus hippocraticum* jamais deixou de ser utilizado como instrumento de legitimação por diversos autores. Dentre eles, cabe a menção a Émile Littré e Charles Daremberg, ao passo que

¹¹ Souto, 2019, p. 53.

integram o cenário discursivo em análise, além de José Miguel Guardia Bagur, a quem se dedica a próxima seção.

Nesse emaranhado de discursos acerca do *Corpus hippocraticum*, Cairus atribui ao positivismo a representação de Hipócrates, bem como de Aristóteles, como personificações da “infância da humanidade”, perspectiva que Littré reformula como “infância da ciência”. Contudo, ainda segundo Cairus, é Canguilhem quem confere uma nova roupagem à representação e ao lugar de Hipócrates na filosofia da medicina:

Canguilhem encerra definitivamente a era de certezas acerca do conhecimento científico, e o faz a partir da análise das tentativas de racionalização da doença desde o final do século XIX. O *Corpus hippocraticum* deixa definitivamente de ser tratado como um retrato da infância da humanidade, quando teria despontado a perspectiva científica. (Cairus, 1999, p. 2)

3.3 José Miguel Guardia Bagur, uma leitura intermediária

José Miguel Guardia Bagur foi um historiador da ciência do século XIX, além de médico e tradutor. Nasceu em Menorca, na Espanha, mas naturalizou-se francês em 1864, e escreveu a maior parte de sua obra na língua francesa. Assim como Canguilhem (e Émile Littré), também não exerceu a profissão de médico, voltando-se para a parte histórica e filosófica da ciência.

Guardia Bagur estudou medicina em Montpellier e doutorou-se em Letras em Paris. Defendeu sua Tese de Doutorado em Medicina em 1853, também em Montpellier, intitulada *Quelques questions de philosophie médicale*, a qual foi o ponto de partida que haveria de ser linha central de suas principais inquietações intelectuais. Dois anos mais tarde, em Paris, obteve seu Doutorado de Estado na Sorbonne: com a tese, em latim qual soía, *De Medicinae ortu apud graecos progressuque per philosophiam*, sobre as raízes históricas da medicina, e outra em francês, *Essai sur l'ouvrage de J. Huarte: Examen des aptitudes pour les sciences*, sobre Juan Huarte de San Juan, médico espanhol do século XVI¹², as quais também delineiam os outros dois grandes vértices do seu interesse científico.

É especialmente pertinente salientar as instituições que formaram Guardia Bagur em virtude do fato de que, entre os séculos XVII e XVIII, haviam duas correntes filosóficas em disputa no campo da Filosofia da Medicina: a animista e a mecanicista. Foi na Escola de

¹² Vidal i Mascaró, 2021, p. 61.

Montpellier, com a qual Canguilhem também manteve vínculos acadêmicos, que surgiu uma alternativa entre as duas, o vitalismo, ao qual Canguilhem se filiou, embora com algumas restrições. Guardia Bagur revela em sua escrita implícito apreço pelas ideias de Comte, o que não era incomum naquele ambiente, ainda que as recusasse no plano explícito, talvez por conta do caráter religioso que, mais tarde, o próprio Comte impôs à sua doutrina. Guardia e Comte conservaram, durante vários anos, uma relação de amizade, até que se distanciaram. Canguilhem, interessado pelos desafios que Comte interpôs às interpretações sinuosas da realidade, em geral, e da natureza, em particular, ainda pode ter chegado a Guardia Bagur por essa via ou talvez por outra, uma vez que seu mestre, Émile-Auguste Chartier, conhecido por seu pseudônimo “Alain”, faz muitas referências e até reverências a Comte. É natural, pois, que o fantasma positivista atordoasse a mente inquieta de um Canguilhem que, como tantos franceses de sua época, tomaram esse pensamento hegemônico como uma provocação para a qual parte de sua obra viria a ser uma resposta. Sabidamente aquilo que Peter Burke chamou de “Escola dos Annales” também preocupou-se em dar réplica à soberania do pensamento positivista, bem como às roupagens filosóficas apostas a certas ideologias totalitaristas contra as quais se lutava nos subterrâneos franceses à época da juventude de Canguilhem.

Ademais, Guardia-Bagur conquistou certo prestígio no meio intelectual francês de seu tempo, estabelecendo vínculos, inclusive de amizade, com figuras como Émile Littré e Charles Daremberg, ambos citados por Canguilhem de modo mais explícito ao longo de *O normal e o patológico*.

Tal conjuntura, para além das referências textuais, ainda que raras¹³, somada ao fato de Guardia-Bagur ter sido uma fonte intermediária acerca de Hipócrates muito lida à época de Canguilhem, até que eventualmente tenha sido tido como ultrapassado, e, enfim, esquecido, torna-o um suspeito digno de investigação como possível leitura intermediária.

¹³ Consta somente uma referência à Guardia-Bagur na Bibliografia de *O normal e o patológico*; mais especificamente, à sua obra *Histoire de la médecine, d'Hippocrate à Broussais et ses successeurs*.

5 CONCLUSÃO

Encontra-se, neste ponto, o desfecho de um percurso que mapeou personagens, ideais e proposições que Georges Canguilhem considera na urdidura de seu discurso. Esse mapeamento, contudo, não é simples ou um mero catálogo, mas é algo como um jogo de conceitos e doutrinas onde cada peça tem seu lugar e sua história. A primeira peça desse quebra-cabeça à qual se dedicou a pesquisa foi Hipócrates, e, não sem dificuldade, foram investigadas não somente as motivações dessa referência, mas suas fontes, que, de resto, não estavam explicitadas em nenhum lugar do texto.

Produzir uma peça epidítica, qual a tese de Canguilhem, qual qualquer tese, é sempre uma tarefa complexa, mas alguns princípios desse grande gênero discursivo, o epidítico, já estão preconizados desde a Antiguidade. *O normal e o patológico* perpassa vários pontos dessa tessitura retórica, desde a *captatio benevolentiae* até a evocação de ideias e ideais contra os quais o discurso se eleva e que, muitas vezes, o motivam.

A pesquisa buscou abordar esse tema pelo viés historicizante, na medida em que se preocupa sobretudo em considerar como esse pensamento dialoga com seu tempo e seu espaço e como dele redundaram ulteriores práxis, interpretações e abordagens. Pensar num discurso por esses parâmetros exigiu um exame minucioso de suas raízes, suas referências, suas reverências, de sua situação institucional, seus compromissos e comprometimentos, e também de suas reverberações, consequências e epígonos.

Apesar do crescente interesse e ampliado número de estudos que a obra de Georges Canguilhem vem suscitando nas últimas décadas fora da França, recebendo a atenção de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, após um período de relativo esquecimento, essa posição de destaque mais recente ainda se encontra amiúde vinculada à filosofia de Foucault. Poucos trabalhos têm se dedicado a investigar mais profundamente as relações discursivas que Canguilhem estabelece com outros autores que o precederam, sobretudo com os do *Corpus hippocraticum*, cujos ecos estão presentes ao longo de todo *O normal e o patológico*. Mais ainda, as contribuições de Émile-Auguste Chartier, o “Alain”, e José Miguel Guardia Bagur, conquanto formativas para muitos daqueles da geração de Canguilhem que se dedicaram à filosofia e história da medicina, permanecem ainda ignoradas fora da França.

Há uma cartografia das ideias a ser construída sobre a obra e o pensamento de Georges Canguilhem. Sua trajetória institucional e acadêmica foram aglutinando discursos com vários registros, de vários campos — sobretudo da Filosofia e da Medicina, mas não somente — e fazendo deles o arranjo absolutamente inédito que viabilizou suas teses. Desses atores que

integram o elenco de pensadores, nota-se importância axial explícita em alguns, como em Émile-Auguste Chartier, o “Alain”, e implícita em outros, como no caso de José Miguel Guardia Bagur. Este último a Monografia que aqui se encerra sugere ter sido o mediador da leitura que Canguilhem faz da Medicina antiga. Essa hipótese aqui sustentada, aliás, subverte as expectativas de que a Antiguidade em Canguilhem tivesse dependido exclusivamente do positivista Émile Littré e de Charles Victor Daremberg.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARD, Claude. **Introdução ao estudo da medicina experimental**. São Paulo: Madamu, 2023. 332 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022. 188 p.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2021. 510 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996. 224 p.
- CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. 252 p.
- CAIRUS, Henrique F. O Hipócrates de Littré. *In: XX Simpósio da Associação Natural de História*, n. 20, 1999, Florianópolis.
- CAIRUS, Henrique F.; GALLUCCI, Livia. O vitalismo hipocrático de Canguilhem. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, n. 2, 2019.
- CANGUILHEM, Georges. **Escritos sobre a Medicina**. Rio de Janeiro: Forense, 2005. 88 p.
- CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 232 p.
- CANGUILHEM, Georges. **Le normal et le pathologique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 129 p. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas.
- CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, pp. 15–29, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/1598>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- COELHO, Maria Thereza Ávila; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, pp. 315–33, maio-ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/vQ5CgtC9CX4T3cGNd6Y6hgj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. *In: COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Coleção Os Pensadores.

- DÍAZ DÍAZ, Gonzalo. **Hombres y documentos de la filosofía española**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983.
- FLOREZ, Lucia M. L. P. **As raízes hipocráticas da *salubritas* vitruviana**. 2024. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- GEROULANOS, Stefanos. Beyond the Normal and the Pathological: Recent Literature on Georges Canguilhem. **Gesnerus**, v. 66, n. 2, pp. 288–306, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348041536_Beyond_the_Normal_and_the_Pathological_Recent_Literature_on_Georges_Canguilhem. Acesso em: 8 dez. 2025.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 288 p.
- GUARDIA-BAGUR, José Miguel. **Histoire de la médecine, d’Hippocrate à Broussais et ses successeurs**. Paris: Doin, 1884.
- LÁZARO PULIDO, Manuel. Un ejemplo del materialismo español del siglo XIX: el opúsculo de J. M. Guardia “Conversation entre un médecin et un philosophe sur la science de l’homme”. **Anales del Seminario de Historia de la Filosofía**, v. 23, pp. 197–212, jan. 2006.
- LECOURT, Dominique. **Marxism and Epistemology: Bachelard, Canguilhem, Foucault**. Atlantic Highlands: Humanities Press, 1975.
- LECOURT, Dominique. **Georges Canguilhem: Que sais-je?** Paris: PUF, 2016.
- MARSHALL, James D. Canguilhem and Philosophy of Education. In: PETERS, M. A. (Ed.) **Encyclopedia of Educational Philosophy and Theory**. Singapore: Springer Science+Business Media, 2018. pp. 93–97.
- MÉTHOT, Pierre-Olivier. (Ed.). **Vital Norms: Canguilhem’s “The Normal and the Pathological” in the Twenty-First Century**. Paris: Hermann Editeurs des Sciences et des Arts, 2020. 530 p.
- NOTO, Carolina de Souza. A trajetória intelectual de Canguilhem. **Discurso**, v. 45, n. 2, pp. 355–362, 17 mar. 2016.
- PEÑA-GUZMÁN, David M. Canguilhem’s Concepts. **Transversal: International Journal for the Historiography of Science**, n. 4, p. 27, 10 jun. 2018.
- SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. **Scientiae Studia**, v. 9, pp. 11–27, 2011.
- SAFATLE, Vladimir. Uma certa latitude: Georges Canguilhem, biopolítica e vida como errância. **Scientiae Studia**, v. 13, n. 2, pp. 335–367, 1 jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/103333>. Acesso em: 07 set. 2025.

- SIMONS, Massimiliano. Review of *Vital Norms: Canguilhem's "The Normal and the Pathological" in the Twenty-First Century*, edited by Pierre-Olivier Méthot. **Philosophy of medicine**, v. 3, n. 1, 11 mar. 2022.
- SOUTO, Caio A. T. **Georges Canguilhem**: o devir de um pensamento. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11287>. Acesso em: 10 set. 2025.
- SOUTO, Caio A. T. Norma, normal e anormal em Canguilhem e Foucault. *In*: Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, n. 9, 2013, São Carlos. **Anais do Seminário dos Estudantes da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2013, v. 1.
- SOUTO, Caio A. T. O pluralismo axiológico do “jovem Canguilhem” no contexto da ascensão do fascismo (1926-1939). **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 38, pp. 175–187, 2021.
- SOUTO, Caio A. T. O vitalismo crítico de Georges Canguilhem. **Revista O que nos faz pensar**, v. 29, n. 48, pp. 212-231, jan./jun. 2021.
- VIDAL I MASCARÓ, Andreu. Josep Miquel Guàrdia Bagur, Historiador de la Medicina i Estudiós de la Cultura Catalana. **Gimbernat**, v. 75, pp. 57–82, 2021.